

[ ANA CLAUDIA DE OLIVEIRA ]

Professora titular da PUC-SP, coordena o Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica e dirige o Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS). Com vários livros, capítulos e artigos publicados no campo da semiótica, comunicação e arte, sua publicação mais recente é "Surrealismo e a transversalidade do sentido nos modos de vida e de modas" (GUISBURG, J. e LEIRNER, S. (Orgs.)). In: *O surrealismo*. Coleção Stylus (São Paulo, Editora Perspectiva), pp. 655-704.

[ 46 ]

# Yves Saint Laurent, transcriador da neoplástica moderna



O corpo é o princípio e o fim de toda significação de um sujeito e cada cultura serve-se dos corpos na construção de si mesma, o que é decisivo para a identificação de sua singularidade em relação às demais culturas. Os vários tipos de interação do sujeito com o seu corpo e destes com o mundo conduziram nossa pesquisa aos modos de presença que a roupa produz no seu vestir o corpo, uma determinante da construção do ser que nos permitiu erigir uma tipologia das relações sincréticas entre corpo e vestimenta<sup>1</sup>.

Do corpo anatomizado ao corpo significação e ao corpo sentido, a reflexão proposta aqui é de como o vestido criado por Yves Saint Laurent (1936-2008), meio século atrás, na sua transcrição do construtivismo de Piet Mondrian (1872-1944), integra roupa e corpo ao mundo, ao contexto social em que o sujeito vive, interage e mantém um contato dinâmico com o outro: coisas, objetos, outro sujeito, si mesmo. Refletir sobre os procedimentos dessa tradução intersemiótica aponta-nos a viva atualidade desta transcrição neoplástica para o corpo feminino contemporâneo.

Na concepção de Saint Laurent dos princípios construtivistas de Mondrian, o corpo vestido é proposto como um universal da maneira de se vestir em um mundo às portas da sociedade globalizada em que as vestimentas enfrentam os paradigmas do corpo, da moda, dos padrões e estereótipos culturais de beleza, elegância, enfim, dos valores sociais que nos permitem entender não um só sujeito, um país, mas a totalidade dessas partes reunidas.

Em nossa argumentação, nosso propósito é o de homenagear esse estilista, morto há alguns meses, por sua genialidade, por sua capacidade excepcional de dar forma à roupa, pelo corte do tecido, que a linha e a geometria talham no plano como o corpo vestido da mulher da segunda metade do século XX.

[ 47 ]

## A apreensão da nova mulher

Olhamos as cinco décadas em que Saint Laurent dedicou-se à produção de aparências para as mulheres e destacamos como foi fundamental a concretização, no sistema vestimentar, de uma nova visibilidade daquela que ele veste, numa afirmação do seu sensiente traduzir intersemiótico das postulações de Piet Mondrian. Seu início na alta-costura deu-se na Maison Dior, no número 30 da Avenida Montaigne. Apenas três meses após a morte de Christian Dior, o jovem Saint Laurent lançava a primeira coleção no comando da Maison. Desde 30 de janeiro de 1958, a assinatura YSL vai escalar o mundo da moda para se firmar entre os seus grandes vultos.

A década de 60 é marcada por uma transição da alta-costura às criações mais próximas do mundo de então com os impactos da sociedade de consumo de massa que fizeram Saint Laurent vislumbrar a própria insustentabilidade da alta-costura. A sensibilidade da sociedade francesa muito se transformara com maio de 68, e a mulher integrante dessa revolução estava apta a novos paradigmas vestimentares, assim como a novos modos de participação social, que determinam modos outros de sua presença no contexto que lhe daria uma visibilidade exponencial no transcurso das décadas.

A forma de Dior vestir as mulheres com a sua moda estava dirigida a uma mulher adulta e muito feminina, em torno da qual se edifica no seu vestir a construção do simulacro de uma elegância atemporal. Ao contrário, com o seu sucessor, a mulher entra na lógica temporal do presente, na qual a disponibilidade para o novo liga-se ao diverso, ao múltiplo, ao cambiante que lhe impõe passar por um processo de rejuvenescimento. Saint Laurent concebe, em especial, com a *moda trapézio*, uma vestimenta de liberdade do corpo que o libera para a movimentação de uma mulher jovem e que se manteria sob o jugo da juventude para além dos anárquicos anos 60. Essa destinatária imersa na turbulência social, encontrando caminhos de exibição máxima muito além dos grandes salões e dos espelhos, estava mais aberta ao mundo e experienciava a efervescência de sua época de questionamentos e irreverências às normas. A criação vestimentar de YSL pode ser tomada como uma das construções desta nova etapa da modernidade.

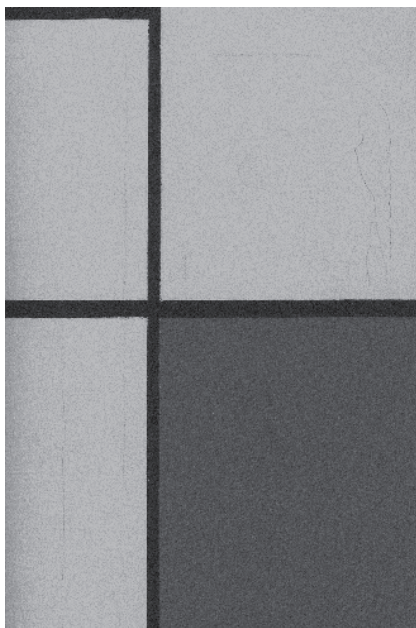
Por toda essa busca criativa para a mulher de então, em 1962, associado já a Pierre Bergé, YSL seria transportado do mundo da moda ao mundo das celebridades, como só conheciam as vedetes de teatro, cinema, música, esportes. A novidade e a ruptura com a coleção anterior eram perseguidas com o mesmo rigor de Dior, porém as condições lhe impunham essa produção de ruptura e do inusitado nas quatro coleções anuais, o que foi se mostrando insustentável com a sua auto-exigência nos processos de criação e realização dos projetos. No outro pólo, o da apreensão da produção, a sua invenção de moda voltava-se para uma mulher ávida por mudanças, um segmento de público que se formava dialeticamente ao seu fazer e que vestiria seus trajes como suas próprias identidades cambiantes.

Na constituição de sua marca de transgressão que delineava o seu estilo próprio, outros criadores vão intervir na sua definição. Em primeiro lugar, o direcionamento de Coco Chanel exerceu papel fundamental com as suas vestimentas práticas, com o seu traduzir as roupas masculinas para os corpos femininos. Ao seguir esse caminho, Saint Laurent manteria a feminilidade da mulher, acrescentando-lhe também sensualidade, erotismo que pode ser visto concretizado particularmente no seu vestir a mulher com smoking e camisa de seda pérola na coleção de 1975. Também o criador assimilou a lição de Elsa Schiaparelli, no seu intento de integrar a arte à moda, ambas como extensões da vida, mas em completa simbiose. Justamente é na realização de uma de suas possíveis interconexões que o estilista lança a sua concepção do *Look Mondrian*, em 1º de setembro de 1965, o *Look Pop Art*, em 1966 e, na seqüência, a recriação na moda do *Look Op Art*.

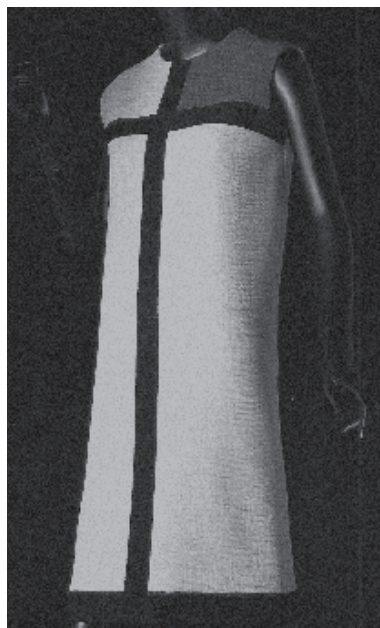
### O *Look Mondrian* de Saint Laurent

Chamado o movimento artístico de Neoplasticismo ou Construtivismo holandês<sup>2</sup>, é justamente a sua neoplástica que é transcrita temática e figurativamente para as criações que vestem o corpo dessa época. Concretizada em outra manifestação têxtil que não a das telas de linho, o que nos surpreende é como o retângulo corpo, vestindo os retângulos matematizados pelas linhas retas verticais, cortadas em ângulo reto pelas linhas retas horizontais, assume ser uma forma plana em movimento no mundo.

[ 48 ]

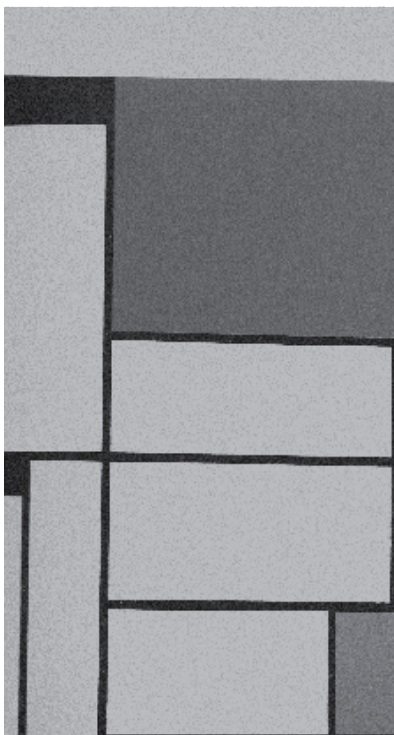


Piet Mondrian  
Composição com vermelho, amarelo e azul, 1928.

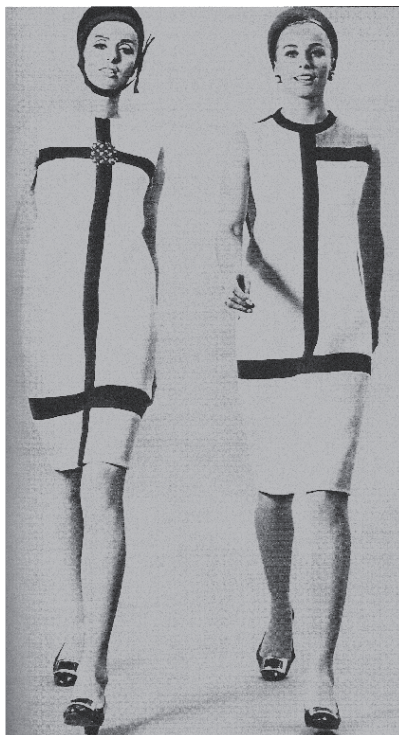


YSL, Coleção *Look Mondrian*  
Outono/inverno 1965. Vestido de jérsei de lã  
branco, vermelho e preto.

Repropondo a tela, o vestido delinea no paralelismo das duas horizontais, uma no alto do peito e a outra na base da barra do vestido, as demarcações do eixo vertical movendo-se no eixo horizontal. No plano, com a tridimensionalidade achatada, é dado a ver que tudo se origina no processamento fundador do encontro da vertical com a horizontal em ângulo reto.



Piet Mondrian  
Quadro I, 1921.



YSL, Coleção *Look Mondrian*, 1965. Outono/  
inverno 1965. Vestidos de jérsei de lã branco,  
vermelho, amarelo, azul e preto.

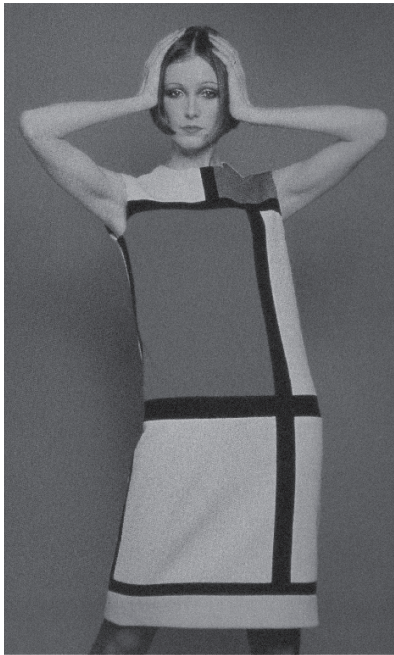
A multiplicação dos planos retangulares assinala os contrastes de planos pelo jogo entre as cores primárias e o branco demarcado pelos encontros das linhas retas pretas que cortam em ângulos retos novos planos. Esse embate de planos é deixado ainda mais visível no cinetismo do corpo vestido.

[ 49 ]

Examinando esses corpos vestidos de YSL *à la Mondrian*, observamos que eles emanam um não-distanciamento da roupa no corpo, assim como eles não se separam do que há em seu entorno. Uma parte de uma totalidade mais ampla que continua no vasto mundo, o vestido, como a pintura, é um recorte que põe em evidência as leis gerais de distribuição dos elementos geométricos e cores primárias no plano. Dos elementos, uma concisão de economia máxima faz observar o princípio construtivo que é o da roupa, o do corpo e também o do mundo, uma vez que são figurativizadas as leis gerais da dinâmica dos sujeitos na interação que os define. É dada visibilidade aos vários possíveis encontros das linhas retas verticais e horizontais que, no seu cruzamento em ângulo reto, desenham retângulos, variáveis nas suas superfícies planas. As cores primárias vermelha, azul e amarela dão uma graduação a mais ao pulsar intermitente dos planos. O movimentar-se pela superfície é mostrado no e pelo seu equilíbrio dinâmico. As telas e os vestidos propõem uma visibilidade do invisível que é processada em cada ato do sujeito que as obras construtivistas nos dão a ver nas variantes de contatos e interações dos corpos no seu ocupar um ponto do espaço e mover-se por ele numa temporalidade. Essas três dimensões fundam o modo do sujeito fazer-se a si mesmo e o mundo pela lógica distribucional de sua ocupação.

O que vemos da nova plástica de Mondrian no corpo vestido de Saint Laurent é um pensamento sobre o equilíbrio do corpo vestido se fazendo nas suas interações de ritmo harmônico consigo mesmo, com o outro e com o mundo em que está inserido. Na continuidade, interrompidas pela descontinuidade que sempre pode irromper, as retas verticais das pernas, duas retas paralelas, cortam a reta horizontal do mundo vestindo um modelo de sapato concebido por Roger Vivier que expõe os princípios construtivistas na horizontal em que se locomovem os pés no seu percurso no mundo.

Na visualidade de como as manequins desfilaram o *Look Mondrian* de YSL, que as fotografias nos permitem recuperar, temos na composição da cabeça cabelos simetricamente divididos no centro do rosto, uma linha divisória em esquerda e direita marca a simetria das duas paralelas e a linha dos fios de cabelo é cortada horizontalmente ao ombro. Para completar essa construção construtivista de retas paralelas que se rebatem, o rosto das modelos traz esse equilíbrio entre as duas partes da face.



Vestido YSL, Coleção *Look Mondrian*. Extraído da edição francesa de *Marie Claire* de 1<sup>o</sup> setembro de 1965. Foto: Willy Rizzo.

A medida dos passos está em consonância com a largura da saia, criando um efeito de vertical movente não mais ocultada pelas vestes do corpo. Ao contrário, é como se ela desfilasse para fazer notar os embates do seu afrontamento com as horizontais. O invisível dos confrontos ganha visibilidade nas passadas.

Sapatos de Roger Vivier. Foto: Willy Rizzo

Seus sapatos alargam-se na frente. Os saltos engrossam e são revestidos, os do alto em partículas de espelhos e os inferiores em verniz. A preocupação com o bem-estar e com a movimentação adapta-se à elegância produzida por Vivier nestes sapatos que vão completar o *look mondriânico* de YSL. Essa forma de vestir os pés permanecerá atual.



A arquitetura racional da formação de planos modulados exhibe que o seu princípio de base é multiplicável, pois é o processo ininterrupto da sua dinamicidade que o define. Se cada corpo vestido imobiliza uma tela-mundo é para permitir que se re-conheça, analise, interprete a plástica da roupa na plástica do corpo em que a neoplástica mondriânica sintoniza o destinatário nos seus embates com o mundo, numa tentativa de viver por estes, pelo afastamento das formas orgânicas, a experiência estética das qualidades fundamentais da complexidade das contradições e contrariedades dos modos de existência. Ao mostrar o processo dos modos de estar do sujeito no mundo se fazendo, a apreensão estética dos corpos vestidos identifica o seu modo de presença pelo arranjo das qualidades plásticas e rítmicas. Entre outras conseqüências que se explicitam, a análise do corpo vestido não é somente uma questão de visibilidade que se faz na espacialidade, mas também de cinetismo e tatilidade. A apreensão dos corpos vestidos processa-se por uma coalescência de sentidos que transforma a ordem estética em condição da produção das redes de significação e de sentido do corpo vestido estetizado de YSL, uma estética da modernidade que perdura no contemporâneo, permitindo tomadas em vestidos ou telas do ser e estar do sujeito no mundo.

## NOTAS

[1] OLIVEIRA, A.C. de (2007), "Nas interações corpo e moda, os simulacros". *Cadernos de Textos do Centro de Pesquisas Sociossemióticas*. São Paulo, CPS Editora e (2007a), "Corpo e roupa nas transmutações da aparência", CD-ROM do XVI Encontro da COMPOS, Curitiba.

[2] Cf. OLIVEIRA, A.C. Neolítico – arte moderna. São Paulo, Perspectiva, 1987, pp. 99-106.